

GERMANA DE LAMARE

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 29/08/2008

Qual o seu nome completo, local e data de nascimento?

Eu nasci no Rio de Janeiro, meu nome é Germana de Lamare. Sou filha do pediatra Reinaldo de Lamare. Essa história tem um pouco a ver com a minha carreira jornalística - ser filha do Reinaldo de Lamare, porque ele era vinculado a um dos diretores do *Correio da Manhã*. Aí começa a minha história jornalística, não radiofônica. Eu nasci no dia 12 de setembro, sou virginiana... Ah, precisa dizer o ano?

Não, se você não quiser...

Então, vamos pular essa parte.

E o nome da sua mãe e a atividade dela?

Por incrível que pareça, minha mãe também se chama Germana e a atividade dela foi, a maior parte do tempo, ficar assessorando meu pai. Ela nasceu numa geração em que ser dona de casa, tomar conta dos filhos, era ação primordial. Mas mamãe foi pianista, ela durante algum tempo tocou piano e cantou. Mas nunca pensou em ter uma carreira profissional.

Como se deu o seu envolvimento com o jornalismo?

O caminho do jornalismo começa em Londres, porque meu pai mandou que eu estudasse o 2º grau, que, naquela época, se chamava científico e clássico, em Londres. Ele já achava que o inglês seria uma língua importantíssima. E quando eu cheguei em Londres, eu comecei a estudar inglês, eu me matriculei no Drama School, porque eu tinha fascinação por teatro desde criança. E para pagar o curso do Drama School e assistir às peças - porque tinham grandes peças em cartaz, peças sensacionais - eu precisava de mais dinheiro do que a pensão que meu pai estava dando. Também para que eu pagasse meu aluguel - tinha um *loft*

pequeninho no centro - e as entradas de teatro. Nessa época haviam grandes atores representando. Então, eu consegui um bico: eu fui ser - como é que eu vou dizer - atriz radiofônica da BBC de Londres para o Brasil. Quem me convidou foi Sérgio Viotti, e eu comecei a receber em libra. Achei o máximo, e me ajudou bastante a me entrosar com o teatro em Londres. Uma vez, conversando com uma moça, ela perguntou se eu estava fazendo curso de teatro no Drama School. Eu disse que estava e ela falou que era muito amiga de um editor de uma revista de teatro que existia no Rio de Janeiro nos anos 50, 60, que tinha uma repercussão pequena. "Como sou muito amiga, ele me pediu para fazer uma reportagem sobre teatro, mas como não sou nada ligada a teatro, você não quer fazer umas entrevistas pra mim não?". Achei a idéia boa, porque era a oportunidade de eu entrar nos camarins. A partir daí, tomei coragem e comecei logo entrevistando o Alec Guinness. Mas ela [a moça] morava muito longe de Londres, na periferia, e me deu uma enorme preguiça de pegar o metrô e ir a 14 estações entregar a matéria que eu tinha acabado de escrever numa máquina daquelas antigas, não me lembro mais se era Olivetti, mas era uma máquina que eu tinha trazido do Brasil. Eu já escrevia à máquina, eu tinha mania de escrever contos, poemas, eu já gostava de escrever. Então, eu tive preguiça e disse assim: "Sabe de uma coisa, eu vou mandar para o meu pai com o endereço da revista de teatro". Porque a Panair do Brasil era muito perto de onde eu morava e eu deixava, às vezes, determinadas cartas para o meu pai para ir no avião da Panair e papai passava na Rio Branco e pegava. Enfim, eu fiz uma certa amizade com a Panair; que eu trocava correspondência. Então, em vez de levar a matéria para a Janete, essa moça lá na periferia de Londres, eu, por preguiça, deixei na loja da Panair e mandei para o Brasil. Quando chegou aqui, meu pai abriu o envelope e viu que era uma entrevista do Alec Guinness, ele disse: "Isto é uma matéria muito boa; não é uma matéria para uma revista de teatro que tem uma circulação pequena, isto é uma entrevista para um grande jornal." Nesse período, ele atendia os filhos do diretor financeiro do *Correio da Manhã*. Aí ligou para ele e disse assim: "a minha filha mandou uma reportagem de Londres que eu achei muito interessante, posso deixar na sua casa?". Ele disse: "claro, pode mandar." Ele levou o texto para a redação. (Não me lembro, acho que era o Luiz Alberto Bahia o chefe de reportagem). O Bahia mandou passar para o Segundo Caderno e me contratou na hora como correspondente. A partir daí, eu comecei a ser correspondente do *Correio da Manhã*, em Londres. Quando eu cheguei ao Brasil, em 1961, eu fiquei quieta, em casa, eu achava que já tinha sido muito em ser correspondente do *Correio da Manhã*. Aí papai foi visitar o diretor do *Correio da Manhã*, ou ele consultou papai por causa dos filhos, não sei bem. Ele perguntou por mim e papai disse: "ela já voltou para o Brasil" "Então

manda ela aparecer amanhã no *Correio da Manhã*, porque nós estamos muito interessados nela como repórter. Aí eu fui, me apresentei, mas claro que havia um machismo naquela época, muito machismo aliás, e me colocaram no Caderno Feminino, que se chamava Ela. Eu odiei, eu simplesmente odiei, imagine você escrever sobre moda, maquiagem (aliás, hoje eu gosto muito disso tudo), sensivelmente, eu achava o fim da picada escrever sobre maquiagem, moda, coisas que, na época, eu achava muito pra baixo. Eu estava numa época hippie, anos 60 começando, eu usava saia longa, cabelo solto, não me pintava, não estava nem aí para essa história de moda, porque nós estávamos para a arte, para criatividade, para tropicália, para todos os hippies, para os Beatles. Era uma época, início dos anos 60, em que os Beatles estavam explodindo, então, era uma época muito criativa. Eu achava aquela história de tricotar a coisa mais ridícula e eu fiquei muito infeliz no *Correio da Manhã* nesse período. Apesar de que eu fui parar lá com muito orgulho, porque, quando eu me dei conta de que eu existia - a gente nasce para a vida quando a gente se dá conta do mundo ao redor -, eu já convivía com o *Correio da Manhã* todos os dias, por causa da guerra. Eu via meu pai e meu avô esperando o jornal para saber as notícias da guerra, se os aliados iam invadir a Normandia. Isso foram cenas da história que hoje eu estudo com as minhas netas e que eu vivi.. Vivi e me lembro perfeitamente da invasão na Normandia, porque os vizinhos franceses ao lado do meu prédio em Copacabana gritavam enlouquecidamente e eu acordei assustada. Eles gritavam: "Invadiram a Normandia, invadiram a Normandia!". Foi em 4 de junho de 1944. Essa noite, pelo menos, é uma noite que está clara na minha cabeça. Isso é muito interessante, porque hoje eu estudo com as minhas netas a Segunda Guerra Mundial e eu vivi a Segunda Guerra. Eu me escondi dos submarinos através do blecaute. Mamãe fazia cortinas escuras para que os submarinos alemães não nos vissem na praia de Copacabana. Então, essa fase toda, era através da rádio e do *Correio da Manhã*, que nós éramos informados pela Guerra. Então, trabalhar no *Correio da Manhã* foi uma coisa muito importante. O Luiz Alberto Bahia sai logo depois que eu entro, acho que ele deixa a editoria do *Correio da Manhã*, se não me engano, em 62 ou 63, no início dos anos 60. E como eu fui muito tenaz, eu peço ao Antônio Muniz Vianna, que assume por algum tempo a editoria chefe do jornal, para que eu passasse para o Segundo Caderno. E tanto insisto que ele me passa para o Segundo Caderno. Aí começa a minha carreira jornalística pra valer. Aí eu fui repórter, eles descobriram que eu falava inglês; com isso, eu entrevistei muita gente, eu já tinha entrevistado Alec Guinness - eu já tinha uma bagagem - já tinha entrevistado Harold Pinter, o Arnold Wesker. Eu entrevistei um dramaturgo chamado J.B.Priestley, enfim, eu tinha entrevistado vários atores ingleses, alguns americanos também, que teriam ido fazer peças lá.

Tentei por todo jeito entrevistar a Julie Andrews, que estava começando a sua carreira com *My Fair Lady*, mas não consegui. Ela estava começando a gravar. E o Rex Harrison também, mas nem cheguei perto, porque a dupla estava fazendo *My Fair Lady* nessa época. Fiz de tudo, mas eu não consegui entrevistar. Foi uma das frustrações. Eu voltei para o Brasil e não consegui. Voltando ao *Correio da Manhã*: eu me tornei repórter e entrevistei a Clarice Lispector, o Oscar Niemeyer, que por coincidência, revendo agora os meus recortes antigos, eu chamo a reportagem do Oscar Niemeyer, de "Quase Memória", que é um livro do Carlos Heitor Cony. Oscar está vivo, com 100 anos e cheio de vida. Imagine isso em 1960, era um garoto, cheio de idéias, de planos, mas ele já tinha feito Brasília, porque Brasília é 1955, bem na gestão Juscelino, então, ele já era famosíssimo, foi uma das pessoas que eu tive muito prazer de entrevistar. E à medida que eu fui entrevistando essas pessoas todas, eu fui subindo, fui sendo uma repórter importante, aí começaram os problemas políticos no jornal. O Fuad [Atala, editor do Segundo Caderno] se retira do jornal - ele tem uma versão para a saída dele, que ele se desentendeu com alguém no jornal e eu acho que é impossível alguém se desentender com o Fuad. O Fuad é uma pessoa extremamente gentil, agradável e competente. (Quanto ao [Paulo] Francis, assumiu [a editoria] no intervalo entre eu assumir a editoria do Segundo Caderno e ele e ir para a Pesquisa). Eu fiquei muito surpresa quando ele disse ter ficado magoado com alguma pessoa. Eu suponho que, nessa época, o redator chefe era o [Osvaldo] Peralva, que deve ter falado de forma ríspida com o Fuad, que o Fuad não gostou. O Paulo Francis estava muito mais ocupado com os editoriais do que com o Segundo Caderno, que era o meu setor. Ele estava muito enfronhado em política e política internacional, então, ele deixava mais ou menos o Segundo Caderno comigo, que era subeditora. Quando ele fugiu, porque a barra política começou a apertar - outros colegas meus que estão sendo entrevistados devem estar falando bem mais da parte política do *Correio da Manhã* e da pressão que nós sofremos com esses tempos e com essas edições tão difíceis -, o Paulo Francis teve uma época em que ele desapareceu da cidade e aí eu assumi, no susto, o Segundo Caderno e fiquei com ele. Mas eu não fiz nada diferente do que o Fuad [Atala] fazia, a não ser na época de 1969, quando o AI-5 é baixado, em 13 de dezembro de 68, nós começamos a ser censurados. Então, comecei a fazer com meus colegas repórteres que trabalhavam para o Segundo Caderno - eu vou citar alguns assim: que eu me lembro realmente, uma das mais animadas era Eloí Calage, Sérgio Augusto, e nós, então, começamos, mas Sérgio gostava muito de cinema, ele se divertia um pouco fazendo esse tipo de matéria, nós fazíamos matérias metafóricas sobre a liberdade dos cisnes na praça da República ou no Campo de Santana (aquele que fica bem em frente ao Ministério do Exército), que

os cisnes queriam liberdade. Depois botei uma porção de feras presas e leopardos lindíssimos. Então, o Segundo Caderno começou a ter matérias com fotografias de feras fantásticas, lindíssimas, mas presas em gaiolas, tudo com texto com duplo sentido pra driblar a censura. Esse é um tempo muito criativo em que a gente teve que vencer a censura. Essa eu acho que é a parte mais criativa da minha editoria. Foi quando eu tive um obstáculo tão grande que era editar um Segundo Caderno com sentido político, porque eu não podia competir com o "*petit trianon*", que era a turma dos articulistas, a quem eu devo muito por ter convivido com Otto Maria Carpeaux, José Lino Grünewald, Hermano Alves - brilhante jornalista -, Márcio Moreira Alves. E quem mais? Ah, o bom redator também era Arthur Poerner, brigou feio na ditadura, sofreu muito. Me lembro de um repórter muito rebelde chamado Álvaro Caldas, que inclusive foi preso e torturado, trabalhou conosco também. E eram muito divertidas também as reuniões no "*petit trianon*". "*Petit trianon*" era onde se discutia o editorial. A única coisa que se discutia em grupo naquela época eram os editoriais e a primeira página, evidentemente; o que iria sair na primeira página. Nós éramos absolutamente livres. Eu tive uma liberdade de editoria, como o Fuad também teve uma liberdade de editoria muito grande. Deve ter sido um mal entendido que ele sai realmente, porque eu não consigo acreditar que ele não tenha sido competente, que ele tenha perdido por incompetência. Tanto é que ele continuou numa carreira jornalística brilhante, aliás todos nós. O *Correio da Manhã* foi uma grande escola, Ruy Castro está aí para provar, Arthur Poerner está aí para provar, Sérgio Augusto, com certeza, escrevendo até hoje sobre cinema, e muitos outros que com o tempo a memória vai chegando...

Essas matérias que você contou de duplo sentido, o leitor entendia que vocês queriam passar alguma coisa?

Eu creio que sim, mas não a maioria. O público do *Correio da Manhã* era um público extremamente inteligente, muito intelectualizado. Então, eu acho que sim, obviamente, porque elas mudaram de tal forma, embora fôssemos livres, nós éramos jornalistas, nós obedecíamos uma pauta. Eu tenho uma reportagem no Primeiro Caderno sobre o Primeiro de Maio, em que eu edito os cantos de trabalho. Então, a gente tinha uma pauta, um calendário, de repente, o *Correio da Manhã* faz esse calendário, tem, por exemplo, uma matéria que eu assinei também sobre o "Natal no Muro", que é, evidentemente, a Guerra Fria - toda aquela parte do Kennedy e do Kruchov brigando - e era o Natal das crianças. Então, nós estávamos no Segundo Caderno, mas muito ligados em política. Por exemplo, na primeira página do Segundo Caderno, eu escrevi a matéria sobre a elegância da Jacqueline Kennedy no enterro do Kennedy, em novembro de 63. Quem fez essa matéria fui

eu. Então nós estávamos muito ligados nos acontecimentos políticos, só que vendo de uma forma diferente, por outro ponto de vista. Quer dizer, eu escrevi sobre a dor da Jacqueline Kennedy, enquanto o Primeiro Caderno estava dando como o Kennedy tinha sido morto, quem tinha matado, enfim, aquela loucura toda que foi. E eu peguei o lado da mulher, do sofrimento dela, e estampeei na primeira página do Segundo Caderno (como repórter e o Fuad editando). Então, nós obedecemos um critério jornalístico. De repente, a gente começa a falar de Zoológico, de cisnes no Campo de Santana, de passeios, de macacos que estavam sendo maltratados também no Zôo. Fica uma coisa muito estranha, no mínimo. Como parece que os militares não liam muito o *Correio da Manhã* ou não entendiam de metáfora, realmente não houve nenhuma punição e nenhuma proibição em relação às nossas matérias metafóricas. O Cony sofreu, sim, pressão. E muitos outros jornalistas foram convidados - entre aspas - a saírem do *Correio da Manhã* por motivos políticos, com certeza.

Hoje em dia as mulheres dominam as redações, não é? Qual a situação que você encontrou quando chegou, pela primeira vez, no *Correio da Manhã*?

Eu era chamada de "Lolita" até pelo Paulo Bittencourt, que eu peguei dois ou três anos vivo. Ele morre logo em seguida. Meu nome era "Lolita" e existiam mais duas mulheres no jornal. Que eu me lembre, eram a Fernanda Gurjan e a Maria Cláudia. Havia também uma moça que escrevia sobre golfe, muito simpática, mas eu esqueci o nome dela. Golfe: imagina! Uma seção sobre golfe no *Correio da Manhã*. O jornal realmente era bastante aristocrático. E nós éramos uma minoria. Três ou quatro anos depois, quando eu entrei, nós éramos só três. Depois, começaram a entrar a Eloí Calage, a Elizabeth Adler, a Eva Spitz. Alguns paginadores foram mulheres. Aí já tinha mais ou menos um grupo de mulheres trabalhando no *Correio da Manhã*. Mas certamente nós éramos uma minoria.

E você sentiu nessa época algum tipo de dificuldade?

Não, pelo contrário, me senti até paparicada. Realmente senti muito afeto, muito carinho e muita admiração. Eu sou muito grata e sou até hoje muito amiga de todos eles. Sérgio Augusto, Ruy Castro, são pessoas que eu tenho no meu coração. Antônio Moniz Vianna, que me deu tanta força. Gosto também das mulheres, elas foram muito corajosas. Nós fomos muito corajosas sem nos darmos muita conta. Eu acho que o [Osvaldo] Peralva também puxou muito a minha orelha. Eu achava tão bom ser editora do *Correio da Manhã*, que ele deve ter me dado várias broncas também. Eu não quero dizer que eu fui muito bem tratada não, só que aí pedia mil

desculpas e ia em frente. Só que eu acho que o Fuad, profissional mais experiente do que eu, se sentiu mexido nos seus brios. Mas eu não. Eu acho que eu era meio moleca, apesar de levar o trabalho muito a sério. Eu entrava às 13h30, 14h e saía dez, onze da noite. Eu ainda via a prova de baixo, porque a coisa pior que existia eram legendas trocadas. Até hoje me arrepia quando eu vejo num jornal as legendas trocadas. Agora eu me lembrei de uma coisa, me perguntaram qual foi à reportagem que eu mais gostei de escrever. Eu já não era mais editora, porque houve um tumulto. Da noite para o dia eu fiquei sem o meu mais famoso colunista, porque a Niomar Moniz Sodré e o Edmundo Moniz (primo-irmão da Niomar) controlavam a linha política do jornal e controlavam pessoas incontroláveis como Otto Maria Carpeaux, Paulo Francis... Imagina a turma que ele [Edmundo] tinha que controlar, uma turma pesada. Mas, enfim, ele tinha força, ele tinha muita cultura. O Carpeaux brigava muito, ele era uma pessoa muito enfezada. Ele tinha uma dificuldade de falar, dificuldade de articulação, mas ele lia os jornais alemães muito bem, ele lia alemão. O Carpeaux conheceu o Freud, conviveu com Sigmund Freud e vários outros alemães famosos. Ele tinha um alemão perfeito. Então ele lia o jornal alemão e ele escrevia as matérias já com uma profundidade e com um conhecimento de causa, que deixava o Paulo de Castro, que era o editor da internacional, enlouquecido. E os dois se jogavam numa briga insuportável, fogueira de vaidades. Mas eu me divertia muito com as brigas do Carpeaux com o Paulo de Castro. De repente, ele achava que um dos editorialistas ou um dos repórteres tinha escrito alguma coisa errada, e ele vinha, botava a mão no nosso nariz e reclamava mesmo, brigava muito com a gente. Só que a gente tinha um tal respeito por ele que dizia: "está bom, tudo bem, desculpe, desculpe". A gente tinha uma facilidade em ser humilde. Isso eu acho que o *Correio da Manhã* nos deu: competência, a gente aprendeu a escrever bem, até com aqueles professores todos, e humildade. Eu acho que o *Correio da Manhã* nos fez humilde.

Você ia contar sobre a matéria que mais te interessou...

É. Quando eu perdi a editoria, porque eu perdi um colunista, que era o mais importante do *Correio da Manhã* na época, o colunista social Daniel Más [pseudônimo de Daniel Gonzalez], que fazia um sucesso enlouquecedor no jornal. Enquanto a Rosita Tomás Lopez, que tinha antecedido a ele, era uma colunista muito comprometida com a sociedade, o Daniel caiu de pára-quadras: ele tratava uma senhora muito elegante que morava no Largo dos Boticário como a mulher dos tapetes. E por aí vai. Ele dava apelidos inacreditáveis para as pessoas mais ícones da sociedade. Fez sucesso, porque todo mundo adora maledicências. Eu me divertia muito com a coluna dele. Não havia dia que eu não risse ao editar a coluna dele.

Mas um dia ele pisou nos calos de um embaixador, que pediu a cabeça dele a Niomar. E a Niomar devia muitos favores a esse embaixador e demitiu o Daniel Más de um dia para o outro. E eu fiquei com o abacaxi da coluna. Telmo de Martino era o assistente dele e eu disse: "nós vamos botar a coluna na rua". Eu fui muito incentivada pelo meu ex-marido, Jorge Miranda Jordão, que trabalhava no [jornal] *Última Hora*. Eu estava casada com o Jorge e ele disse: "você não pode perder essa coluna, esse menino abriu um espaço maravilhoso no jornal e você vai fazer história". Eu digo: "não vou largar a editoria". Foi a primeira briga matrimonial grande que eu tive com o Jorge Miranda Jordão. Eu não queria deixar a editoria, ele queria que eu pegasse a coluna pra valer. Eu tinha força para isso, porque eu tinha prestígio no jornal e conhecimento. Acabei ficando com a coluna e realmente eu fiquei com uma dor de cotovelo tão grande que eu me esqueci quem ficou no meu lugar. Eu só lembro que, quando o *Correio da Manhã* ia fechar, eu continuei com a coluna [social, chamada "Balaio"] até o final. E eu editei o jornal também, porque éramos seis pessoas e eu simplesmente não acreditava que o *Correio da Manhã* pudesse fechar. Todas as evidências estavam claras, mas a ficha só caiu no dia seguinte, quando eu não fui ao jornal trabalhar. E eu não só editei a minha coluna como editei Segundo Caderno. E umas poucas pessoas editaram o Primeiro Caderno. Ele saiu fininho, mas saiu. Ele morreu brigando. Eu nunca tinha assistido à morte de um jornal. Foi uma das coisas que mais me magoou em termos de instituição que morreu. Eu não me lembro de outra coisa que tenha me marcado tanto do que a morte do *Correio da Manhã*. Porque a gente perder pessoas é uma coisa, mas perder uma instituição como o *Correio da Manhã* presente na minha vida desde criança - em 74, ele morrer, ele deixar de existir - achei que fosse como se eu tivesse perdido um parente, foi uma coisa muito dramática na minha vida. Tanto é que eu fui fazer medicina.

Como você avalia a atuação da Niomar [Moniz Sodré] nessa história?

Ela era muito corajosa, enfrentou os militares, mas era muito temperamental, era uma pessoa extremamente emocional. Ela não tinha uma forma o jornalística, se apoiava muito no Edmundo Moniz. Ele era o conselheiro dela em termos de jornais. Ela era a queridinha do Paulo [Bittencourt, seu marido]. Enquanto foi casada, ela era mais interessada em arte. Tanto   que ela criou o Museu de Arte Moderna. Até o Paulo morrer, ela foi uma pessoa extremamente interessada em arte. Só se interessa pelo jornal depois que o Paulo morre. Ela não tem uma forma o jornalística, então, cometeu vários erros por ter ouvido pessoas que não valiam a pena. Agora, eu não tiro o valor da Niomar porque ela, em nenhum momento da ditadura, teve medo.

Você cobria cultura, você estava à frente dessa editoria numa época em que a cultura também vai ser muito penalizada pela repressão política: invasão do *Roda Viva*, peças censuradas, 68 teve até a greve dos artista, justamente pela censura que o teatro estava sofrendo... Em que medida era possível cobrir esses assuntos da cultura?

Impossível. Depois de 68, realmente a gente não podia dar. Antes de 68, nós - Fuad e eu como subeditora - abrimos três colunas para os meninos presos do [colégio] Pedro II, que tinham jogado pedras na Universidade do Brasil. Os PMs tinham perseguido-os, botaram no campo de futebol do Botafogo, todos com as mãos para cima - garotos de doze, treze anos. Aquilo foi um escândalo e nós abrimos no Segundo Caderno uma página sobre isso. Até 68, a gente participou ativamente, demonstrando todos os atos políticos contra a cultura que fosse possível. Depois dos anos 70, por exemplo, quando eu estava escrevendo o "Balaio", eu estava escrevendo uma coluna social - inclusive, agradecia de não estar editando mais o jornal nem escrevendo o Primeiro Caderno, porque nós estávamos sofrendo uma censura muito pesada e era impossível dar destaque a este tipo de acontecimento.

Você falou um pouco sobre a coluna "Balaio", que depois você assume, quando o [Daniel] Más é demitido. Fala um pouco mais quais eram os pontos fortes do Segundo Caderno?

Os colunistas com certeza. Primeiro a primeira página, que sempre foi muito criativa porque nós dávamos muito destaque aos fotógrafos. Nós tínhamos excelentes fotógrafos, Erno Schneider, Gilson Campos, Osmar Galo e muitos outros... Milton, vem daqui a pouco o nome. E nós, inclusive, às vezes, escrevíamos textos para homenagear aquelas fotos. Nós fazíamos quase que crônicas no primeiro caderno para que as fotografias pudessem ser publicadas e, uma vez publicadas, podiam concorrer a prêmios de fotografia. Eu fiz vários textos. Eu me lembro um de um gato saltando no ar - uma fotografia excelente que a gente tinha que publicar - o gato saltando do telhado, no vizinho. Então eu criei um texto sobre os olhos dourados da noite para colocar a foto e o fotógrafo conseguir concorrer ao prêmio de fotografia. Nós éramos uma equipe unida, tínhamos excelentes escritores, redatores, hoje até escritores de livros, como [Carlos Heitor] Cony, Ruy Castro, Sérgio Augusto, José Lino Grünwald, enfim, o próprio Otto Maria Carpeaux, que escreveu a história da literatura ocidental. São oito volumes. Quem pode concorrer com esse homem? Eu nem acredito que eu tenha convivido com o homem que escreveu oito volumes sobre a história da literatura ocidental. Eu

convivi e ainda briguei, eu ainda tive coragem de discutir com esse homem. Não foi nem audácia, foi uma coisa de juventude mesmo. Eu acho que não me dava conta da grandeza que aquilo era. Hoje que eu vejo que realmente o *Correio da Manhã* foi uma coisa brilhante. Hoje, claro, se você vê com os efeitos especiais, com a técnica de fotografia que nós temos, hoje parece até pobre. Mas se você se colocar com relação a 1960, as fotos, as edições, os textos, a metáfora, os colunistas... Os textos, por exemplo, a crítica sobre "Os pequenos burgueses", uma peça de José Celso Martinez Corrêa, sobre o "Rei da Vela", todas as críticas de cinema, de filmes importantes da época, como o Antônio Muniz Vianna entendia de cinema americano. Se você lê isso e se põe no contexto dos anos 60, você tem um livro de primeiríssima qualidade, todo dia chegando na sua casa.

Você falou como a censura, a ditadura transforma as pautas e o conteúdo do Segundo Caderno. Nesse sentido, qual o papel da coluna do Cony?

O Cony toma uma posição de começar a escrever sobre política. Ele que era um cronista de costumes, mas com um texto brilhante, ele começa a escrever sobre política, porque nós todos nos envolvemos, o jornal se tornou um todo político. Ele que era um jornal, que tinha um peso de cultura, que cobria artes, a Niomar dirigindo o Museu de Arte Moderna, o Jayme Maurício como crítico de artes plásticas, quer dizer, nós todos tínhamos uma força política. Grandes escritores, Mário Palmério escrevendo pra gente. O *Correio da Manhã* teve Graciliano Ramos como corretor gráfico, ele corrigia lá os textos gráficos. Por aí você pode imaginar que o talento naquele jornal era uma coisa de primeiríssima linha. Me perdi um pouco no que você me perguntou... Cony. Acontece que o Fuad Atala tinha saído para almoçar e o Cony deixou uma matéria sobre "Os caranguejos andam pra trás", se não me engano. Discretamente, ele joga a crônica numa pasta, numa gavetinha que tinha do lado entre a máquina de escrever do Fuad e a minha, e eu vejo que a crônica era do Cony. Eu pego a crônica do Cony, dou uma rubrica e entrego ao contínuo para descer para redação e essa crônica pegava os militares contra cabeça, e aí a cabeça dele rolou por causa dessa crônica. O [Osvaldo] Peralva - eu defendi o Fuad - disse que eu tinha sido a responsável, que quem tinha descido a crônica tinha sido eu. Ele falou: "Você não leu?" Eu disse: "só faltava eu ler o Cony, Você queria o quê? Que eu copidescasse o Cony? Imagina, não tem a menor condição". "Mas você devia ter me trazido essa crônica pra eu ler". Eu disse: "Com certeza". "Mas você não leu?" "Eu não". Imagina se eu ia perder tempo em ler o Cony! Quero dizer: perder tempo de ler o Cony antes, porque depois de ser publicado, é claro que eu lia o Cony, o Carlos Drummond de Andrade, que escreviam ao meu lado. Eu tive a honra de escrever ao lado de Carlos Drummond

de Andrade, ao lado do Carlos Heitor Cony. Então, no dia seguinte, eu pegava o jornal e lia. Não tinha tempo de ficar lendo antes, eu tinha mil coisas pra fazer, mil legendas pra escrever, mil textos pra escolher e muitos garotos estagiários que eu tinha que copidescar mesmo. Então, não ia ficar lendo Cony, Carlos Drummond de Andrade. Eu simplesmente mandava pra redação. Eu recebi mesmo uma grande bronca, geral, de não ter dado para o editor chefe ou para o chefe de reportagem nem pro Fuad a crônica do Cony pra ser lida.

Cony era um ícone no *Correio da Manhã*, ele tinha uma força incrível, a demissão dele causa algum impacto na redação do *Correio*?

Causa, porque nós ficamos amedrontados. E também porque nós perdemos um grande escritor. Mas isso acontecia. Inclusive o próprio Carlos Drummond de Andrade depois se passou para o *Jornal do Brasil*. Acontecia de alguns dos nossos editores serem demitidos, Ruy Castro foi demitido também, Mas o que mais nos abalou no Cony foi que a demissão não foi por motivos de briga ou de desentendimento com o editor-chefe, essas coisas que acontecem até hoje no jornal, mas porque tinha uma conotação política. Nós ficamos com medo, pelo menos eu fiquei com muito medo, outros continuaram escrevendo, mas eu acho que esse medo não foi só meu, não. Foi um medo que tomou conta da gente, deixou a redação perplexa: se isso poderia acontecer com o Cony, o que não poderia acontecer conosco? Mas nós não paramos não. Eu fui com alguns colegas até o fim, até 1974. O ano mais triste da minha vida - fora as perdas de parentes, pai, mãe, essas coisas - foi 1974, com certeza.

Fala um pouco sobre o episódio do arrendamento do *Correio* pros irmãos Alencar. Vocês ainda tinham esperança que o jornal sobrevivesse?

A gente tinha esperança que o *Correio* sobrevivesse de qualquer maneira. Então, essa era uma forma da sobrevivência do *Correio*, porque ele estava sem anúncios e assim um jornal está sendo sufocado, ele não existe. Então, ele precisa ser arrendado pelo Maurício Alencar, que era o empreiteiro ligado ao Andreazza. Aliás - vou dar a minha opinião - ele arrendou o jornal, porque ele tinha certeza que o Andreazza seria o presidente da República. Ele estava certo disso, que o Costa e Silva levaria o Andreazza a presidência da República. E quando isso não aconteceu, o Maurício Alencar não era um jornalista, nenhum dos irmãos dele era. Ele até entende bastante de política, mas não entendia de jornal. Então, houve ali um momento de - incompetência é uma palavra difícil -, mas houve um desconhecimento na direção do jornal. Então, os irmãos Alencar não souberam ter a dinâmica, a competência que o Maurício devia ter na sua empresa de construção.

Eu acredito que ele era um homem bastante competente na área de construção. Então, é uma família que tomou o jornal sem ter a tradição de um Paulo Bittencourt, de um Assis Chateaubriand, enfim, de outros grandes jornalistas como o dono do *Diário Carioca*, Horácio de Carvalho; Irineu Marinho; Samuel Wainer, da *Última Hora*, que fundou o jornal. Todos eram jornalistas, todos tinham um conhecimento jornalístico, enquanto que a família Alencar não tinha nenhum *background* em jornalismo. Então, eles fizeram muita bobagem evidentemente.

O que acontece depois do arrendamento no *Correio*?

O *Correio* cai muito de padrão, porque eles davam ordens desastradas. Muitas pessoas se decepcionaram, saíram, foram para o *Jornal do Brasil*, foram para São Paulo, houve uma desorganização, um desmando, houve um desânimo, até porque a família Moniz, o Edmundo Moniz e a Niomar, eram muito carismáticos, eles tinham um poder de um carisma muito grande e quando nós perdemos o ídolo, mesmo que a gente discordasse deles em muitas ocasiões - porque a Niomar era muito emocional - nós todos tínhamos uma grande admiração por aquela mulher baixinha e briguenta. Eu realmente adorava a Niomar. Eu me divertia muito, uma vez ela saiu jogando sapatos em cima dos editores, ela tirou os sapatos e saiu jogando sapatos em cima da reunião de editoria e todo mundo se defendendo dos sapatos.

Por quê?

Alguma coisa que ela não gostou, alguém que discordou dela sob algum ponto de vista. Não tenho a menor idéia. Niomar quando explodia, ela era baiana, tinha o sangue baiano. Aliás, baiano não é de briga, mas ela era, ela era uma baiana de briga, era uma baiana mais para capoeira.

A Niomar acompanhava o dia a dia da redação, ela estava ali todo dia no jornal, como é que era?

Lá embaixo, não, mas lá em cima, estava com um olho tremendo. Lá em cima, ela sabia tudo que acontecia. Todas as vezes que eu fui chamada no quarto andar - a diretoria -, ela estava super bem informada com quem eu tinha discutido, com quem eu tinha conversado. Era impressionante como ela, lá de cima, dominava o *Correio da Manhã*. O Edmundo Moniz passeava muito pelo jornal. Passeava todos os dias pela redação, inclusive comandava a reunião dos editores, mas ela não. Ela raramente descia, se eu a vi umas duas ou três vezes na redação, foi muito. Mas lá de cima, ela sabia tudo. Todas as vezes que eu fui chamada, eu ficava de queixo caído, parecia que ela estava lá, ela sabia realmente. Era uma pessoa muito sagaz,

com grandes defeitos e com grandes qualidades, mas a grande qualidade dela foi a coragem.

Vocês tinham esperança que o jornal fosse se recuperar, mesmo com o arrendamento? Houve algum acontecimento especial que tenha dado a certeza ou a percepção para vocês que o *Correio* não ia sobreviver?

Para algumas pessoas, claro que sim, porque elas saíram, se desligaram do *Correio da Manhã* para não ver [a morte do jornal]. As pessoas que tinham um maior conhecimento administrativo, financeiro do jornal, que conheciam as contas do jornal, a parte administrativa, eles decretaram o óbito do *Correio da Manhã* bem antes dos jornalistas e repórteres, porque nós não tínhamos acesso a esses números, mas a falta de anúncios sempre nos preocupou. Claro que vários jornalistas foram avisados, saíram e arranjaram outros empregos. Agora, eu, realmente, acho que foi um lado emocional mesmo que me cegou. Claro que me avisavam, mas eu dizia: “não, isso não é possível, o *Correio* não vai fechar”. Mesmo com todas as bobagens que os Alencar podem ter feito, mesmo que o Andreazza não tenha sido presidente da República, eu sempre estava arranjando um desculpa.

Você fica até o último dia no *Correio da Manhã*?

O último. Eu fecho o Segundo Caderno e a minha coluna até o último dia do *Correio da Manhã*.

Poderia descrever como era o clima na redação no último dia do jornal?

Era um vazio. Era uma luz fraca, um silêncio, uma tristeza, mas que eu, apesar de estar vivendo tudo isso, os letreiros só caíram e a luz do cinema acendeu no dia seguinte, que eu me levantei e disse: “estou desempregada e foram 14 anos lá dentro, eu vou enlouquecer se eu não fizer alguma coisa”. Aí resolvi meter na minha cabeça que eu ia fazer alguma coisa completamente diferente. E aí eu fiz vestibular para medicina. Mas eu fiz isso como quem se agarra numa bóia, porque eu digo: “agora eu vou ter alguma coisa que não vai mais afundar. Eu vou ter uma profissão própria”. Eu acho que eu fiquei muito traumatizada mesmo com a morte do *Correio da Manhã*. Eu considero uma morte, porque o desaparecimento de um meio de comunicação que teve uma força assim, como teve a revista *Cruzeiro*, por exemplo, eu considero, como jornalista, uma grande perda. Claro que hoje em dia os meios de comunicação estão mudando, a Internet mudou os meios de comunicação. Antigamente a gente lutava por um furo, hoje é impossível você, na

mídia impressa, lutar por um furo, porque está no seu computador, dois minutos depois que o avião em Bajas [aeroporto em Madri, Espanha].

Você falou sobre a falta de anunciantes como fator determinante para o destino do jornal. Avaliando hoje, 34 anos depois dessa última edição do *Correio*, a que mais você atribui a morte do jornal?

Eu atribuo concretamente a morte do jornal ao afogamento do jornal no sentido de terem proibido [os anúncios], literalmente. Quem anunciasse no *Correio da Manhã* seria punido, não teria verbas, não seria facilitado pelo governo. Eu acho realmente que o *Correio da Manhã* não morreu, ele foi assassinado, foi sufocado, porque sem condições de ter verba, empréstimos, o banco que emprestasse dinheiro estaria na lista negra, o anunciante ficou com medo de anunciar, o governo do estado não podia anunciar, o governo federal muito menos, o que a gente ia fazer? Nada, ia morrer. Agora: o público continuou comprando o jornal até o último dia.

Você ficou quase 20 anos longe do jornalismo, mas depois volta para o jornal *O Dia*, qual a sensação que você tem? O que tinha mudado no fazer jornal?

Mudou tanta coisa, primeiro que as redações tinham computadores, haviam saletas que separavam as pessoas, nós éramos um grupo, quase uma gangue, armando todas as estripulias possíveis. Com tudo dividido em compartimentos, eu diria que o jornal esfriou. Quando eu voltei para *O Dia*, eu sempre achei *O Dia* extremamente frio, gelado; hoje em dia, não acho graça nenhuma entrar numa redação de jornal. Eu não tenho nenhum prazer especial, eu não sinto mais o cheiro do tipógrafo, o cheiro de tinta, jornal pra mim tem que cheirar a tinta e hoje em dia o jornal é um computador, todo mundo sentado, olhando seu computador. É muito estranho, porque as pessoas hoje não se falam mais, elas passam email para a mesa ao lado, isso eu acho inacreditável. Se conversa por email, o cara está na sua frente e você está falando por email com ele. Nós gritávamos um para o outro na redação, quer dizer havia muito mais afetividade, era um salão enorme, havia muito mais coesão entre as pessoas, muito mais amizade, muito mais afeto, muito mais companheirismo e menos estrelismo, porque nós todos estávamos no mesmo barco e tínhamos essa condição, essa consciência, melhor dito. Se me dessem um gabinete para eu escrever e ficassem me mandando ordens pelo computador, eu não sei se eu teria capacidade de criar.

Você volta a trabalhar n' *O Dia* fazendo o quê?

Eu comecei a fazer cônicas, convidada pelo Ary de Carvalho, escrevi uma série de crônicas sobre comportamento e depois eu saí, porque queriam que eu respondesse cartas, eu não estava interessada em responder cartas, queriam que os temas fossem mais livres, aí eu me afastei. Depois quando meu ex-marido assumiu a chefia d'*O Dia*, convidado pelo Ary de Carvalho, eu voltei para escrever na página de Opinião. Esse era o meu sonho, uma vez na vida escrever como os redatores do "*petit trianon*", aí eu escrevi sobre política, foi uma fase em que eu consegui escrever sobre política, sobre saúde, enfim, foi uma experiência de quatro anos em que eu escrevi no primeiro caderno.

E como é essa experiência de construir uma opinião do jornal?

Primeiro, era um sonho de um dia chegar lá. Eu gostava de ser editora do Segundo Caderno, eu achava que o máximo era ser editora do jornal, então, eu consegui realizar no jornalismo n'*O Dia*, esse sonho que eu não consegui realizar no *Correio de Manhã*. Era muito difícil, eu era muito jovem, muito inexperiente para ser editora, redatora, articulista, editorialista do *Correio da Manhã*. Eu não tinha base nem conhecimento para isso. E n'*O Dia* eu já estava mais velha, já tinha mais cultura, já tinha feito uma universidade de medicina, tinha sido casada com um homem, durante muitos anos, que foi o editor-chefe da *Última Hora* e do jornal *O Dia* e conhecia muito jornalismo, nós discutíamos muita política, ele era ligado a muitas pessoas políticas, feito Moacir Werneck de Castro, e vários outros amigos, Flávio Tavares. Eles discutiam política o tempo todo na minha casa, então, a minha casa virou um centro político, até o próprio Marcelo Alencar, que viveu com uma grande amiga minha, teve um caso com uma grande amiga minha, a Tereza Cesário Alvim, também freqüentava a minha casa. O Marcelo Alencar também foi meu amigo depois que ele largou o *Correio da Manhã* e a discussão de política era constante. Então, nos anos 90, eu já tinha um conhecimento político bem maior do que eu tinha nos anos 60, embora eu tenha sido uma rebelde contra a ditadura bem forte na época.

No início nós perguntamos as matérias mais importantes que você fez para o *Correio da Manhã*. Você gostaria de destacar mais alguma?

Além do Alec Guinness e J.B.Priestley, que foram realmente excelentes, um grande ator, outro excelente escritor de peças de teatro, dramaturgo, eu quero contar uma história que eu fiz mais tarde. Em 1971, eu já estava fazendo [a coluna] Balaio e eu fui para Paris, passar as férias. Um grupo de amigos me levou para um turismo sobre os castelos do Luar, aí eu visitei uma cidade chamada Combray, descrita por Marcel Proust no seu primeiro volume, é a história da sua infância. E eu então

resolvo visitar a casa de Proust e conheço a figura mais fantástica que eu não sabia que existia, que eu poderia ter encontrado na minha visita, que foi monsieur l'Arche. Ele tinha 84 anos, tinha conhecido Proust quando era criança, quando tinha seis anos de idade. Tinha conhecido Proust quando visitava a cidade e ele então se tornou o guardião da casa de Proust. Ele me levou para visitar a casa e enquanto ele foi me levando pelos aposentos, foi me contando a história e infância de Proust. A sorte é que eu tinha lido *Combray* e *Caminho de Guermantes* e eu comecei a viver como se fosse um filme onde as tias do Proust olhavam da janela as senhoras irem à igreja, comentavam sobre as roupas e falavam mal das pessoas. Eu via que do canto da janela dava pra ver o adro da igreja, a entrada da igreja, depois a lanterna que ele via as figuras, estava exatamente no canto da cama dele. Atrás de mim, tinha o monsieur l'Arche contava com a maior emoção tudo que passava pela cabeça do Proust. Foi um espetáculo de som, luzes e emoção que eu fiquei fascinada. Quando eu cheguei no Brasil, uma das coisas mais difíceis foi escrever essa matéria, porque eu queria passar toda essa magia que eu vivi na casa de Proust em 1961, de um homem que conheceu Proust e que viveu a vida para homenagear esse homem. E eu tive a honra de entrevistar esse homem. Entrevistar não, porque nem deixava eu perguntar, ele ia narrando a cada aposento que a gente ia entrando; nos jardins, tocou a campainha que os personagens tocavam para entrar na casa do Proust, Proust personagem, eu disse: "meu Deus, eu não estou acreditando que eu estou vivendo isso!" Foi realmente um presente que o jornalismo me deu de ir em busca do tempo perdido.

Como você vê os cadernos de Cultura hoje dos jornais?

Eu acho chato. Acho que as pessoas escrevem demais, eu não vejo aquele vigor que eu via no *Correio da Manhã* e no *Jornal do Brasil*. Hoje, acho os jornais de cultura pretensiosos, com entrevistas enormes, falando de escritores estrangeiros – alemães, sobretudo - pessoas totalmente desconhecidas para o meu universo e para o universo da maioria das pessoas, dando muito pouco espaço aos nossos talentos brasileiros. Eu peguei outro dia um livro que a moça que vende livros disse assim: "você já leu o livro deste rapaz?" Ele é um jornalista da *Folha de S.Paulo* e se chama Marçal Aquino, se não me engano. É um excelente escritor e eu fiquei apaixonada pelo livro dele que se chama *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*. Falta, nos cadernos de cultura, entrevistar essa gente, falar dessa gente. Tem muita gente escrevendo bem, criando bem e que são totalmente desconhecidos, porque não há espaço para eles. O próprio detetive Spinoza, [personagem] do Garcia-Rosa, que depois de 100 anos, psicanalista e professor de psicanálise e filosofia, que resolveu ser detetive e escrever *O Silêncio da chuva*,

Achados e Perdidos, Vento Sudeste, Uma Janela pra Copacabana. Esse homem precisava um caderno inteiro sobre o primeiro detetive Spinoza que é lançado no Brasil. E não, as pessoas, no mínimo, ficam falando de filósofos alemães com nomes estranhíssimos, escritores que ninguém lê ou lê e acha ótimo e morre de chorar, porque, por mais lindo que seja o *Caçador de pipas* - é um livro belíssimo - que sofrimento! Que necessidade das pessoas de cultivar o sofrimento! Agora a moda é ler autores árabes. Nada contra eles. Nada contra, porque acho que eles estão vivendo um momento muito difícil e é a catarse deles escrever. Mas nós também temos nossos conflitos, nossos problemas, e tem excelentes escritores que estão colocando isso e estão conseguindo colocar mais no cinema do que na literatura, com espaço na mídia para eles. No cinema Waltinho [Walter Salles] tem espaço, Fernando Meirelles tem espaço, mas os escritores têm muito pouco espaço na mídia, nos cadernos de cultura. Eles estão sofisticados, pretensiosos e com muito pouco pé na realidade brasileira. E endeusando muito a guerra do Iraque, que eu respeito, no sentido sofrimento de um povo que está sendo massacrado por uma guerra econômica... Politicamente, tenho uma visão muito clara disso, mas eu vejo como um certo oportunismo o sucesso que as pessoas estão explorando o sofrimento desse povo. Nos best-sellers desses autores que até antes de 11 de setembro eram pessoas absolutamente desconhecidas, que ninguém estava nem aí pra eles. Eles não começaram ser talentosos depois do dia 11 de setembro. Me poupe, eles já existiam!

Quando você foi para o *Correio da Manhã*, para o caderno feminino, você ficou meia chateada, não era muito bem o que você queria escrever, por causa de como a mulher era tratada na época. Como isso foi mudando?

Bom, no *Correio da Manhã*, o caderno feminino fechou. Eu nem precisei criticar muito, porque o caderno acabou e o Segundo Caderno herdou uma pequena coluna, porque, afinal de contas, eu também não era xiita contra moda. Aliás, hoje em dia, eu estou ligada em moda. Também, o mercado da moda mudou. Acho o Ela [d'O Globo] um bom Caderno em termos de *fashion*, porque hoje em dia existe a indústria da moda, o mercado da moda, não é receita de bolo só, não é só para a mulher do lar, claro que eu casei, eu tive filhos, eu tive que ser dona de casa e hoje eu bem gosto de uma boa receita, mas quando eu era mais jovem, eu queria mais era cinema, música, sexo and rock'n roll. Estávamos muito mais para curtir a vida do que ficar pilotando um fogão, como a gente dizia. Mas hoje eu já revi muito essa minha opinião. Aí, eu acho o Ela 'O Globo é um bom Caderno, atualizado em termos de moda. Mas o Ela no *Correio da Manhã* naquela época ter sido resumido para uma pequena coluna de moda, eu achei que estava dentro dos conformes. A moda

mudou muito, hoje em dia, a moda é uma poderosa indústria de anúncios para uma mídia ou para televisão. Você não pode tirar a moda da pauta; em várias estações de televisão há programas de moda, de beleza, porque tem um público que precisa disso. Nós já não somos mais aquela hippie, totalmente contra a moda, o fogão - hoje a gente vai para o microondas, a gente faz uma omelete, hoje a gente até dá comida pros netos com muito prazer, quer dizer, a gente também se adaptou a ficar um pouco em casa, porque nós descobrimos que as crianças sem mãe em casa é um problema sério.

Você era uma mulher pensante e ainda é, não havia uma preocupação da redação em atingir a essas mulheres pensantes que existiam?

Com certeza, eu só queria escrever sobre Simone de Beauvoir e sobre mulheres que pensavam. E Simone de Beauvoir certamente era a minha "ídola". Eu achava que ela era, certamente como hoje Camille Paglia é uma pessoa que eu tenho uma grande admiração. Hoje pela Camille Paglia e nos anos 60 pela Simone de Beauvoir. Eu acho que o *Segundo Sexo* é um livro importantíssimo que foi escrito naquela época. E eu queria um caderno, sim, mas que escrevesse sobre a Simone de Beauvoir, não sobre receita de bolo.

Você falou das mulheres jornalistas do *Correio da Manhã*. E nos outros jornais, que mulheres também se destacavam?

Nós éramos poucas: Léa Maria no *JB*, Ana Maria Funck, também no *Correio da Manhã*, Maria Cláudia Bonfim, que foi editora do *Ela* e que depois foi para o *Diário de Notícias* - ela era uma boa jornalista, continua sendo, só que ela editou o caderno feminino porque era a função dela, mas isso não tira da Maria Cláudia ser uma ótima jornalista. Eu é que não gostava do estilo do jornal que ela fazia, mas como jornalista, ela é excelente, como editora muito boa. Martha Alencar, excelente repórter do *Jornal do Brasil*; Eva Spitz, que depois foi pra *Veja*; Eloí Calage, excelente repórter; uma menina que faz moda até hoje. Ah, claro, Iesa Rodrigues, um mito na moda, uma das mulheres que levou a moda a sério, sem frescuras, uma pessoa que escreve sobre moda com seriedade, que entende do que faz. Considero uma jornalista que desde os anos 60 sempre levou a moda a sério. A Maria Lúcia Dahl é uma boa cronista, mas ela começa depois, bem depois, ela era muito jovem, ela era casada com o Gustavo Dahl, um cineasta, acho que na época ela era muito jovem. Ela começa depois, eu acho também que a Maria Lúcia tem uma crônica muito leve. E hoje eu acho que ainda há boas cronistas como a Marta Medeiros, a Lia Luft, não só como ficção, mas também como cronista, Maria Lúcia Dahl, que continua escrevendo - eu gosto muito dela. E Marina Colasanti, do *Jornal*

do Brasil, com certeza, uma cronista de ponta nos anos 60, ela começa comigo, é minha contemporânea. Léa Maria e Marina Colasanti são minhas contemporâneas, as outras são mais jovens... Marina Colasanti era muito boa na reportagem também, ela era repórter.

Como foi a sua experiência na rádio Tupi?

A minha experiência na rádio Tupi é uma volta à BBC. Parece que eu fiz um círculo, porque depois de passar por todo esse caminho, que foi: primeiro estudar em Londres, conhecer teatro, fazer a Drama School, trabalhar com José Celso Martinez Corrêa em teatro, ser repórter, redatora e editora, colunista do *Correio da Manhã*, fazer medicina, ser psiquiatra, fazer formação, pós-graduação em psicanálise e tornar editorialista d'*O Dia*, no caderno de Opinião, escrever crônicas também para o jornal *O Dia*, eu comecei a ser chamada para fazer rádio como colaboradora e agora, eu acho que eu tenho uma certa intimidade com rádio, que eu peguei na minha juventude. Era muito engraçado, porque nós fazíamos histórias de britânicos famosos e como eu era muito garota, eu era sempre a filha do Alexander Fleming e outros mitos britânicos. Eu dizia: "Papai, o que foi que você descobriu?" Eu gostava muito fazer novela radiofônica na BBC. E eu acho que eu adquiri uma intimidade, porque eu hoje eu faço um programa com a Márcia Peltier sobre comportamento. Me apresento como psiquiatra, eu falo sobre comportamento. Aos sábados e às quintas-feiras, eu debato ao vivo sobre todos os assuntos. Aí eu volto à política, aí eu volto à jornalista, volto à reportagem geral. Eu toco em todos os assuntos, eu não me restrinjo ao comportamento. Os dois programas são muito ouvidos e eu não sei eu tenho uma intimidade com rádio que eu acho que eu peguei na adolescência por sobrevivência. Eu aprendi uma coisa muito importante, tudo que você faz por sobrevivência, você aprende muito bem. Hoje não preciso mais da rádio Tupi para viver, eu tenho outros meios de como ganhar dinheiro, eu não preciso mais desse reforço de mesada, mas um dia eu precisei e eu acho que isso me deu muita garra para eu fazer rádio.

Como é, no rádio, a interação com o público?

É ótimo, porque eu lido com o povão. Enquanto no *Correio da Manhã* e na psicanálise eu faço debates para pessoas de um nível cultural que possam entender a psicanálise, que tenham um conhecimento filosófico e psicológico maior, uma cultura, porque são universitários que discutem comigo quando eu faço debates, quando eu até me apresento em congressos eu tenho uma platéia muito intelectualizada. Quando eu faço rádio, eu lido com a simplicidade, a ingenuidade do povão, o que é muito gostoso. Eles são muito espertos, eles participam, eles

telefonam, eles te perguntam, eles te tratam com afeto, é muito mais quente. Aliás, [Marshall] McLuhan disse isto, que o rádio era quente, mais quente que a televisão. Eu não sei porque hoje a televisão está com uma força muito grande, mas - eu estou falando McLuhan nos anos 60 - ele dizia que o rádio ainda era um meio de comunicação que interagia de forma muito emocional com o ouvinte. Eu continuo achando isso, apesar de a televisão ter tomado um espaço muito grande nos tempos atuais. A pessoa, às vezes, não pode ficar sentada vendo televisão, porque ela tem mil afazeres, então o que ela faz é ligar o radinho, ela põe do lado, e ela vai pilotar o fogão, ela vai lavar roupa, ela vai cuidar dos filhos, ela vai fazer mamadeira, ela vai dar mamadeira ao filho, mas ela está ouvindo o rádio, então, eu acho que nós fazemos companhia a ela. A essas mulheres, aos homens dirigindo no tráfego que estão solitários, eles participam do debate. Todo táxi que eu entro o taxista debate comigo: "a senhora disse aquilo assim, eu estou conhecendo a sua voz". Então, eu sinto que realmente há um grande espaço ainda para o rádio, incrivelmente, no dia a dia, no cotidiano da população.

Você me chamou atenção ao contar sobre como era a relação da sua família com o *Correio da Manhã* na época da guerra - a preocupação da sua mãe de transformar o apartamento como se fosse uma espécie de *bunker* por conta dos submarinos alemães. Como era a expectativa com o jornal do dia seguinte (porque havia esse tempo de espera da informação, ao contrário de hoje, que está tudo ao vivo, tanto seja no rádio, seja na internet, seja na televisão), como era essa expectativa, esperar um dia o jornal para trazer a notícia?

É claro que era com muita ansiedade, porque, pelo que eu me lembro, tanto meu pai quanto meu avô, ficavam até às onze horas da noite grudados no rádio. Quer dizer, eles tinham sim uma ansiedade, mas o que acontecia é que enquanto o rádio dava aquela notícia em primeira mão - quase que hoje é como no computador online -, eles teriam mais detalhes de quantos soldados efetivamente tinham sido abatidos, eles tinham no jornal, mapa, eles tinham mais conhecimento de como a Alemanha estava tomando conta da Europa de uma forma mais global, porque o jornal era muito mais detalhado. Eles tinham muito medo, que eu sentia no meu pai e no meu avô e que passava para toda família. Meus tios, às vezes eles falavam no telefone uns com os outros: "invadiram, você viu? Tantos aviões caíram". Eu ouvia isso, porque eles ficavam no rádio até às onze, mas o jornal era esperado com muita ansiedade. Isso é uma coisa que me ficou guardada como se fosse trazer uma notícia boa, uma notícia ruim, como se fosse quase uma carta de um soldado que estivesse em campo de luta, eu diria assim.

Hoje os jornais, você acha que eles, com a televisão, com a internet, essa velocidade da informação, essa nova configuração do jornalismo, da informação, você acha que o jornalismo impresso já encontrou o seu lugar?

Eu acho que ainda não, mas eu acho que tem esse espaço por eles serem mais dinâmicos, terem mais uma opinião pessoal. Eu vejo hoje o jornal como uma análise da situação. Para mim, quem talvez está mais à frente do jornalismo atual é o Arnaldo Jabor. Ele está indo por um caminho que eu acho que é o caminho do jornalismo. Arnaldo Jabor pegou muito bem essa forma de que, apesar de ele fazer televisão, ele sabe lidar com a mídia impressa em que ele te passa emoção do fato. Ele tem um aspecto de saber analisar a notícia com mais detalhes que a televisão e o rádio não têm. Então, eu acho que a mídia impressa tem esse espaço de realmente aproveitar a notícia e analisá-la de uma forma mais profunda, ou de uma forma mais irônica, como, de vez em quando, o Luís Veríssimo faz, o Luiz Garcia faz, o Zuenir Ventura faz. Existe esse espaço e eu acho que esses jornalistas estão buscando um caminho para o jornalismo moderno. Eu citaria eles como os jornalistas mais atualizados no momento. O Luís Veríssimo, o Luiz Garcia, o Arnaldo Jabor, o Joaquim Ferreira. E eu estou dizendo isso, porque eu sempre os leio. E Diogo Mainardi, sem dúvida, Diogo Mainardi, para mim é, imperdível, eu realmente eu posso discordar de todas as loucuras que ele diz, mas eu acho que ele realmente é brilhante.

Como você vê essa iniciativa, que a gente está fazendo, de resgatar a memória do jornalismo brasileiro?

Com muita emoção. Eu realmente achei que estava perdido, que era um tempo da minha vida que tinha passado. Eu li alguns livros sobre o *Correio da Manhã*, alguns livros sobre jornais, mas não achei que tinha essa atualização que eu estou dizendo que é necessária. É um outro enfoque. Não é escrever um livro sobre *Correio da Manhã* - não vejo sentido mais nisso, eu acho que envelheceu. Mas a memória da mídia impressa com a televisão, que é o que vocês estão usando aqui, com todos os recursos modernos pra resgatar a mídia impressa e a importância dela - claro que ela perdeu espaço, mas ela ainda vai ter um espaço, esses jornalistas vão descobrir espaço para ela - de qualquer forma, eu fiquei muito emocionada, me tocou pela emoção o convite de vocês. Eu disse: "nós vamos ter isso tudo num museu, nós não vamos morrer. Tudo que eu passei, tudo que eu sofri com o *Correio da Manhã* vai estar resgatado". É como se vocês tivessem realmente ido buscar do naufrágio que foi o *Correio da Manhã*, trazê-lo à tona novamente. Ver

todas as colegas que estão depondo aqui, os que sobreviveram - infelizmente a Niomar Moniz Sodré já partiu, porque ela viria certamente; o depoimento dela seria precioso; Edmundo Muniz também - eu acho que vocês estão fazendo um trabalho de uma importância que me levou realmente às lágrimas quando eu fui convidada. Sinceramente, eu fiquei muito emocionada e quando eu comecei a pegar nas matérias para trazer para aqui, matérias que eu não via há anos, foi de uma emoção enorme, eu disse, eu tenho que parar, porque eu estou me emocionando demais.